

COSMOGONIA CRAVO

Longe da organização de uma curadoria, em sentido formal, a presente exposição se propõe a ser um diálogo estético entre dois artistas, que, em época e circunstâncias diversas, tiveram a cultura popular baiana como o centro das suas elaborações artísticas. Mesmo que as influências teóricas tracem um divisor de águas bastante distinto entre o fazer artístico de Mário Cravo e as concepções de montagem da presente exposição, ambas estão irmanadas pelo tempo da longa duração que alicerça os pilares do que reconhecemos como baianidade.

Por esse viés de abordagem, o presente exercício se assemelha mais ao diálogo poético que John Cage pensou para a crítica artística (“a melhor crítica para um poema é outro poema”).

Sem nenhuma intenção de transformar tal mostra numa retrospectiva dos trabalhos de Mário Cravo, nosso objetivo na seleção das obras era buscar a sua preocupação mais profunda, o ritmo da criação artística do artista.

Podemos perceber que a ideia de movimento, enquanto transformação e permanência, isso é duração, está o tempo todo presente no diálogo de Cravo com arquétipos e emblemas da cultura popular baiana. Não é à toa a recorrência ao panteão africano – marcadamente os arquétipos de origem iorubana – é o tempo todo relido através da inconstância e provisoriedade do barroco. A imagem da coluna salomônica, signo extremamente forte no barroco –, é apropriado em sua obra exatamente para nos contar sobre mitos de origem e a sua reinvenção. É, portanto, nessa narrativa constantemente ressignificada dos mitos de origem, daquilo que é comum às distintas cosmogonias que Mário Cravo ordena o seu impulso criativo. A proeza da permanência dos seus significados, se dá **exatamente pela capacidade que eles têm de incorporar as dinâmicas e demandas do presente**. É sob essa lição de sabedoria das forças demiúrgicas da cultura, que Cravo inventa o seu próprio exercício criativo.

A mostra é dividida em quatro blocos. No primeiro, “origens e individuação”, buscamos acompanhar a construção do self artístico do artista. Isto é, a forma como debruçada sobre arquétipos fundadores da cultura, Mário irá construir um conjunto de características formais e conceituais absolutamente própria, instituindo, portanto, uma estilística sofisticada e incomum.

Num segundo momento “Dinâmicas e desdobramentos”, a ideia de gênese e movimento são

destacadas, visto o papel estruturante que elas terão no processo criativo do artista e na forma como ele lia e investigava o mundo. A espiral enquanto signo da transformação permanente; a harmonia entre as parte e o todo (referência ao Kosmo).... é metarmofoseada enquanto um grande útero galáxico, que gera toda a forma embrionária de vida.

Sobre o milagre da criação, uma assembleia sacerdotal, com emblemas específicos de distintas culturas parece se debruçar na invocação de hierarquias sagradas (as cátedras dos grandes sacerdotes). Sobre elementos das cosmogonias e das religiões ancestrais assenta-se, fluida e dinâmica a memória coletiva. “o conjunto do Exu queimado”. Plástica e incorporativa, a memória reconstrói o passado salvando-lhe a sua essência. Esse conjunto, construído originalmente pelo artista com restos de madeiras queimadas no incêndio do Mercado Modelo, sofreu uma nova tentativa de destruição quando exposto no Parque de Pituvaçu, por indivíduos intolerantes à liberdade religiosa. O objetivo dessa apresentação é, portanto, mostrar a historicidade da obra em sua interação com o meio social, revelando, como um termômetro, as tensões e conflitos presentes na cultura baiana, que ainda são estruturantes da nossa realidade.

O terceiro bloco “Caminhos”, tenta demonstrar a diversidade dos percursos artísticos que caracteriza o conjunto da obra; trincheiras investigativas, encruzilhadas que espelham a intensidade e a ebulição criativa de um artista entre os seus vários mundo e planos. Ao formalismo, some-se um ecletismo e hibridismos próprios da sua ação enquanto homem e artista. Nesse exercício há um trânsito, aparentemente caótico, mas profundamente orgânico em seus resultados entre obra e vida, sagrado e profano, moderno e pós-moderno, regional e universal.

Ainda nesse bloco, apresentamos a instalação “Diálogo”, onde o dendê é apresentado como o sangue vital, fundamento da criação de uma comunidade de sentido. Um alimento original, amniótico, que gera e nutre as potencialidades criativas da cultura.

No quarto bloco “O Engenho”, tenta vasculhar os processos de investigação, os esboços, as matrizes conceituais presentes, enquanto registro histórico, da cosmogonia Cravo, atentando-se para as dimensões conflitivas inerentes ao conjunto da obra apresentada, suas implicações filosóficas e as suas resoluções estéticas. Um conjunto de desenhos, esboços e maquetes que desnuda o itinerário artístico de Mário Cravo.

Esse exercício de diálogo estético nos faz mergulhar no mundo baiano através de Mário Cravo. Elementos estruturantes da nossa cultura, ressignificados esteticamente pelo artista, nos faz compreendê-lo não só com um leitor do mundo em que vive, mas um inventor de mundos.

Ayrson Heráclito e Kátia Jordan